

A alfabetização de jovens, adultos e idosos como prática libertadora em uma perspectiva de reinserção social

José Alex Trajano dos Santos¹

Resumo: O presente relato tem por objetivo descrever a experiência de Alfabetização de Jovens e Adultos, realizada pela Associação Comunitária Educacional Cícera Tereza dos Santos, no Município de Mauá, Estado de São Paulo. Com essa experiência foram alfabetizadas cerca de 500 pessoas, sendo que, grande parte deste público contemplado é de idosos na faixa etária de 60 a 85 anos de idade, que almejam a inserção e/ou reinserção social, tendo o direito a vez e voz, tornando-se protagonistas atuantes de sua própria história, a fim de deixarem a sua marca no mundo.

Palavras-chave: Alfabetização; educação de jovens e adultos; reinserção social; prática libertadora

Abstract: This report aims to describe the Youth and Adults Literacy experience, carried out by the Educational Community Association Cícera Tereza dos Santos, in the city of Mauá, State of São Paulo. Around 500 people have been literate with this project, being important to mention that a large part of this group is aged between 60 and 85 years old. They are people who want social insertion and / or reintegration, keeping their right to speak up for themselves, becoming active protagonists in their own life history, to make their mark in the world.

Keywords: Literacy; youth and adult education; social reinsertion; pedagogical practice

Introdução

A importância da leitura na vida das pessoas se evidencia em todos os momentos do dia a dia desses indivíduos, principalmente se eles residirem na Zona Urbana de um município, onde a informação e a comunicação acontecem muito mais por meios escritos do que orais. Percebe-se, portanto, ser esse um contexto desafiador de sobrevivência para aqueles que não sabem ler.

Essas pessoas conseguem fazer sua leitura de mundo, e, no entanto, estão cercadas de simbologias que vão das imagens às grafias das letras do alfabeto, o que implica olharem ao seu redor e não compreenderem o significado do que veem. Tal fato justifica os jovens e adultos, mulheres e homens, ocuparem os bancos escolares para se alfabetizar, além de retratar a busca de um ajuste social pelas políticas públicas criadas para atenderem a esse público.

¹ Docente na Associação Comunitária Educacional Cícera Tereza dos Santos (ACECTS), Mauá/SP, alextrajano95@gmail.com

A alfabetização é um processo que não se pode fazer de cima para baixo e nem tampouco de fora para dentro, como um ato de doação e/ou exposição, mas deve-se consolidar de dentro para fora, pelo próprio analfabeto, somente mediado e articulado pelo educador. Essa é a razão pela qual se procura um método que seja ora instrumento do educando e ora instrumento do educador (FREIRE, 1979).

Sendo assim, o processo de alfabetização é um dos principais mecanismos, senão o mais importante, no que concerne a inserção e/ou reinserção social do indivíduo à sociedade, para nela gozar dos seus direitos e deveres, sobretudo, para aqueles e aquelas que antes não tiveram essa oportunidade. Hoje ocupam os bancos escolares buscando melhores condições de vida, sentindo-se pertencentes e protagonistas de sua própria aprendizagem e história.

O conceito de alfabetização vai muito além do ato de ensinar a ler e a escrever e/ou aprender a ler e a escrever, pois, enquanto prática discursiva possibilita, "uma leitura crítica de mundo/realidade" sendo um importante instrumento de resgate da cidadania e construção da identidade do sujeito, como um ser social e político. Dessa forma, com engajamento e consciência o educando seja protagonista atuante de sua própria história e participe das decisões em sociedade, tendo direito à vez e voz (FREIRE, 1991 apud GADOTTI, 1991).

A Associação Comunitária Educacional Cícera Tereza dos Santos (ACECTS) norteia a sua prática pedagógica, na Filosofia e/ou Abordagem Freireana, baseada na construção coletiva e na troca de saberes, em que o educando e o educador são protagonistas do processo de ensino/aprendizagem. Enquanto se ensina, se aprende, pois para Paulo Freire não há saber maior e/ou saber menor, há saberes diferentes. E esses saberes se constituem, se reformulam e dão novas ressignificações, possibilitando assim, o pleno desenvolvimento dos educandos, levando-os a construção da criticidade, da autonomia e da postura pesquisadora, questionadora e de uma argumentação sólida.

A Abordagem Freireana consiste nas palavras geradoras que têm início no levantamento do universo vocabular dos educandos. Conforme Freire (1987. p. 50): "[...] é algo a que chamamos, através, não só da própria experiência existencial, mas também de uma reflexão crítica sobre as relações entre homens-comuns e homens-homens."

Para Freire (1989), as etapas da Abordagem Freireana são: Etapa de investigação – levantamento de palavras do contexto social dos educandos e educador; Etapa de tematização – momento em que ocorre a tomada de consciência do mundo, por meio dos significados sociais dos temas e palavras extraídas; Etapa de problematização – momento em que o educador desafia e instiga o educando a superar a visão mágica e acrítica do mundo, para uma postura conscientizada.

Assim, para a aplicação de tal Abordagem, Gasque e Temeiurão (2011) elencam cinco etapas fundamentais, a saber: 1ª fase: Levantamento do universo vocabular do grupo. 2ª fase: Escolha das palavras selecionadas, seguindo os critérios de riqueza fonética, dificuldades fonéticas. 3ª fase: Criação de situações existenciais características do grupo. 4ª fase: Criação das fichas-roteiro que funcionam como roteiro para os debates 5ª fase: Criação de fichas de palavras para a decomposição das famílias fonéticas correspondentes às palavras geradoras.

A ACECTS desenvolveu essas etapas contextualizadas à realidade de seus educandos, dando ênfase e sentido à cultura popular por meio de poesias, músicas e palestras com profissionais de diversas áreas.

Portanto, neste relato de experiência pretende-se demonstrar a importância do trabalho de alfabetização como uma prática de libertação, inserção e/ou reinserção do sujeito, desenvolvida pela Associação Comunitária Educacional Cícera Tereza dos Santos, que alfabetizou e possibilitou a transformação na vida de 500 pessoas, no período de 2009 a 2018, na maioria idosos na faixa etária de 60 a 85 anos de idade.

O objetivo desse relato é descrever a experiência de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos, realizada pela Associação Comunitária Educacional Cícera Tereza dos Santos.

Contexto histórico da Associação Comunitária Educacional Cícera Tereza dos Santos

A Associação Comunitária Educacional “Cícera Tereza dos Santos”, foi fundada e iniciou seus trabalhos em 14 de setembro de 2009, sendo regularizada oficialmente como pessoa jurídica em 25 de outubro de 2012, transformando em realidade o sonho de um jovem de apenas 14 anos de idade que, em sua casa começou a oferecer aulas gratuitas para alfabetização de jovens e adultos.

Assim, tal iniciativa que começou com um sonho, precisou do apoio de muitas pessoas, que solidariamente se dispuseram a ajudar tanto financeiramente, quanto na alfabetização dos alunos arrematados pela ACECTS, para se concretizar e tornar-se realidade. Dentre essas, destacamos as senhoras Mariza Sotelo Codo e Maria do Socorro dos Santos Eduardo (*in memoriam*), ambas professoras que deram seu incentivo e apoio e em muito contribuíram para o êxito do empreendimento.

A priori, a primeira turma foi formada com 7 (sete) educandos apenas, pois o espaço era muito pequeno, não comportava mais do que isso e o público atendido era de pessoas na faixa etária de 16 a 55 anos de idade. Dentre esses, grande parte eram migrantes de outros estados

brasileiros, principalmente da região norte e nordeste, que almejavam se alfabetizar e ingressar no mercado de trabalho.

O espaço onde a instituição iniciou suas atividades era uma pequena sala construída de improvisado, feita de madeira e chão batido, com pouquíssimos recursos, sem sequer dispor de mobiliário adequado para atendimento, em caráter provisório, com tábuas utilizadas como mesas.

Em meio a essa realidade, aos poucos a pequena e tão simples sala tornou-se atrativa e vistosa aos olhos dos moradores da região, que começaram a se interessar e divulgar as atividades que ali ocorriam. E a demanda iniciou. No ano de 2013, o jovem que idealizou e iniciou este trabalho, juntamente com sua família decidiu doar uma parte de sua própria residência para a ampliação da instituição, visando a promoção e ampliação das turmas de alfabetização, bem como outras atividades sociais e culturais.

A ACECTS, sob um novo olhar, funcionando com melhor comodidade e conforto para o seu público, no período vespertino e noturno, que começava a se diversificar, uma vez que a maioria dos atendidos já não era somente de jovens, mas também de idosos na faixa etária de 60 a 85 anos de idade e mulheres que buscavam por meio da escolarização, uma nova perspectiva de vida.

A entidade começou a buscar novas estratégias e horizontes, no que diz respeito a uma prática inovadora, eficiente e eficaz para a alfabetização de idosos. E graças a essas eficientes e humanas práticas educacionais, seus educandos somam hoje 500 alfabetizados já integrados a sociedade como cidadãos participantes e ativos. Cidadãos que entendem com clareza os seus direitos e deveres, que saíram do anonimato, capazes agora de ler e escrever e compreender o mundo ao seu redor.

Relato da experiência com alfabetização de jovens, adultos e idosos

O relato aqui descrito foi realizado nas dependências da Associação Comunitária Educacional Cícera Tereza dos Santos, localizada no bairro do Jardim Itapark Novo, Município de Mauá, que de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2019, tem 472.912 habitantes, compondo a região do Grande ABC, formado por outros seis municípios, Estado de São Paulo.

Trata-se de um bairro de periferia, que faz divisa com o município de Ribeirão Pires, onde reside uma população em situação socioeconômica desprivilegiada: empregadas domésticas, pedreiros, garis, seguranças, dona de casa e desempregados, dentre outros.

Moradores de uma área de invasão pública em uso capião, sem saneamento básico adequado, escolas, comércios e unidade básica de saúde, o que justifica a busca em outras localidades adjacentes.

Por se tratar de uma divisa de município há uma questão difícil de resolver; o que implica na formulação de ações voltadas a melhoria e desenvolvimento do bairro, para uma intervenção pública e melhor qualidade de vida.

Partindo dessa realidade, a ACECTS surgiu como um processo de inserção social por meio da educação, apresentando uma visão de mundo da própria realidade vivenciada com a perspectiva de vida sonhada.

As turmas atendidas, em sua maioria, foram diversificadas, ora compostas de pessoas que nunca adentraram num espaço escolar, e tampouco soubessem a importância social do ato ler e escrever, ora compostas de sujeitos que tiveram que fazer uma opção entre estudar ou trabalhar.

Os educadores da ACECTS, por meio de uma dinâmica bem elaborada, planejam a execução de suas atividades pedagógicas pensando em contemplar e atingir as expectativas de seus educandos, respeitando o tempo e desenvolvimento cognitivo de cada educando, bem como, o seu espaço e momentos.

Partindo da realidade e das vivências dos educandos o processo de alfabetização começa a criar vida e significado, pois possibilita que eles construam a sua própria história e desejem uma nova perspectiva de vida. Para tal, as aulas foram ministradas respeitando a bagagem cultural que cada um traz consigo como partida.

Em rodas de conversa, vários temas foram abordados, discutidos e debatidos. Foi nessas rodas de conversas que a história de vida de cada um ficou conhecida e a partir delas deu-se a construção do processo de alfabetização, respeitando vez e voz de cada um. Sendo assim, valorizando o diálogo e a escuta.

Após esse procedimento iniciava-se a apresentação do alfabeto, como base sólida para a construção do processo de escrita de palavras, frases e textos. A partir do alfabeto cada letra foi apresentada e, a partir daí houve um trabalho de construção do nome enquanto identidade do sujeito, bem como o seu contexto histórico.

Os educandos ora sentavam-se em duplas, ora em grupos, com o objetivo da socialização dos saberes, o que implica no que diz Freire (1987) não há saber menor e/ou saber maior, há saberes diferentes. Essa diferença foi essencial para enriquecer o diálogo em sala de aula de maneira crítica favorecendo o desenvolvimento intelectual do grupo.

Os debates nas rodas de conversa circulavam por diversas temáticas a partir da realidade em que o educando estava inserido, ou seja, a sociedade. Foram colocados em pauta temas, como: educação, saúde, cultura, economia, lazer, política, religião, trabalho, segurança, habitação, dentre outros. Tais temas, em um primeiro momento, eram debatidos com os educandos, em que cada um tinha o direito à vez e voz para falar sobre o tema e o educador ia mediando e contextualizando; em um segundo momento, o educador escrevia na lousa a palavra escolhida pelo grupo a ser trabalhada, começando pela letra, seguida da decomposição silábica e da formação da palavra, conforme exemplo no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 - Decomposição e formação de palavra

Palavra geradora: HABITAÇÃO
No debate: MORADIA
Os alunos eram sensibilizados para o tema através de questionamentos como: <i>Todos têm direito e condições para terem uma moradia? Por que algumas pessoas têm moradia e outros não têm? Quais os tipos de moradias? Quais as iniciativas do poder público para o problema da falta de moradia?</i>
MORADIA MO – RA – DI – A MA – ME – MI – MO – MU – MÃO RA – RE – RI – RO – RU – RÃO DA – DE – DI – DO – DU – DÃO
Apoio: A – E – I – O – U

Fonte: Elaborado pelo autor

A partir do exemplo citado foram extraídos subtemas que levavam a discussão sobre o direito à moradia e a construção de novas palavras. Ex. CA-SA, LAR, A-PAR-TA-MEN-TO, FA-MÍ-LIA, CON-VI-VÊN-CIA e DE-SI-GUAL-DA-DE. Em sequência trabalhavam-se listas de palavras enquanto gênero textual do mesmo campo semântico, de maneira coletiva, ditas pelos alunos e registradas pelo educador.

Num terceiro momento, os alunos eram desafiados a construir frases. Os educandos que estavam aprendendo a escrever podiam construir frases com menor riqueza fonética, enquanto os mais avançados no processo de alfabetização eram desafiados a elaborar frases com maior riqueza fonética. Veja no Quadro 2, a seguir, exemplos desses tipos:

Quadro 2 - Construção de frases que remetem a palavra escolhida pelo grupo

Alfabetizando 1: em processo de alfabetização (exemplo de caso com menor riqueza fonética) A casa bonita.
Alfabetizando 2: alfabetizado (exemplo de caso com maior riqueza fonética, vocabular e de sentido) Na minha casa moram eu, meu marido e meus filhos.

Fonte: Elaborado pelo autor

O quarto e último momento foi o desafio de Produção de Texto. Como nem todos os educandos estavam ainda aptos a produção e/ou nunca tinham tido acesso a qualquer texto, justificou-se a produção coletiva, em que cada sujeito ia verbalmente expondo suas ideias e o educador registrando na lousa e os educandos, no caderno. Ao educador cabia a tarefa de apresentar a estrutura de um texto, bem como, concordância e coerência, pontuação e todo o acabamento textual.

Os alunos alfabetizados eram orientados e desafiados a construir os seus próprios textos, e em seguida realizar a leitura para a turma.

Segue abaixo, no Quadro 3, um exemplo de texto construído coletivamente:

Quadro 3 - Texto construído coletivamente

Título: A vida na roça

A vida na roça é uma beleza. Acordar de manhã bem cedo, com o cheirinho de café pisado no pilão e o bolo de macaxeira assado no fogão à lenha e o leite quentinho tirado da vaca.

Ah! Não podemos esquecer do cuscuz, feito do milho fresquinho colhido e ralado na hora, que delícia!

Na roça planta-se feijão, café, macaxeira, arroz, algodão, cana-de-açúcar, milho, fava e um montão de coisas que são vendidas, gerando assim renda e economia.

O mês de junho é a melhor época, pois se inicia a festa e é hora de agradecer pelas bençãos e pela farta colheita. É tanta comida que falta até lugar no “bicho” para caber tudo.

A vida na roça é uma beleza!

Fonte: Elaborado pelos educandos do período vespertino, da turma do ano de 2015

Este texto proporcionou um rico debate entre os educandos, na medida em que fora construído a partir da vida deles na roça. As memórias sobre a infância, o trabalho braçal na roça, a vida árdua com poucas oportunidades e muitos sonhos. Nessa perspectiva, o resgate da cultura popular que brota e emana do povo e da simplicidade dessa gente possibilita a compreensão de uma nova história de mundo, do seu mundo.

Um dos fatos que merecem ser registrados é a questão da “seca”, que por inúmeras vezes foi motivo de uma grande discussão em sala de aula, além de que muitos alunos deixaram seus locais de origem e se aventuraram pelo Brasil afora fugindo da grande problemática da seca no sertão, em busca de uma vida melhor.

Na medida em que o tempo passava, outras necessidades foram surgindo. Outros profissionais foram importantes para o enriquecimento educacional, cultural e social da ACECTS. Houve a contribuição de profissionais da educação, saúde, cultura, lazer e do campo jurídico que fomentaram ricas discussões e auxiliaram na resolução de problemas.

O trabalho da ACECTS ganhou notoriedade pelo atendimento solidário, humano e empático que promove, ganhando aliados, dentre os quais citamos a senhora Mírian Wartusch, escritora, poetisa, cronista, compositora e cantora. Ela, por meio da cultura, da música, da

poesia, das contações de história, trouxe o encantamento e alegria para os envolvidos nas atividades promovidas pela ACECTS.

Outro fator que merece destaque é o fato das disciplinas serem trabalhadas interligadas umas as outras, ou seja, de maneira interdisciplinar.

Trabalhar com jovens, adultos e idosos é um desafio muito grande, e, para contemplar as expectativas deles é necessário que o educador esteja sempre atento e atualizado, buscando capacitações, formações e valorize a bagagem cultural que cada um traz consigo, para que, assim, o processo de alfabetização se torne atraente, instigante e significativo.

Observou-se que no trabalho em grupo, trio e dupla há uma grande resistência em fazer com que os alunos participassem juntos e dialogassem, expondo as suas ideias e ideais, pondo e contrapondo os seus posicionamentos. Daí a responsabilidade, incumbência e importância do permanente diálogo entre professor e aluno, que possibilite uma boa relação interpessoal entre aluno-professor, professor-aluno e aluno-aluno.

Buscando ofertar uma educação para jovens, adultos e idosos, de qualidade, libertadora, transformadora e com caráter emancipatório é que, em sua prática pedagógica, a ACECTS com o auxílio de seus docentes coloca o educando no centro do processo de ensino e aprendizagem, almejando-se que este aluno se torne protagonista atuante e participativo de sua própria história; o professor assume o papel de articulador, ou seja, faz a mediação e contextualiza, de maneira contundente e significativa, a realidade do sujeito.

Nesse processo de alfabetização, em que o objetivo vai muito além de ensinar a ler e/ou escrever, mas de fazer com que o indivíduo desenvolva um pensamento crítico, uma argumentação sólida, postura pesquisadora, questionadora e que assuma o seu papel como sujeito social-político. A alfabetização deve propiciar, fomentar e instigar a construção do espírito empático, solidário e a humanização para com o próximo.

No quadro 4, na página a seguir, apresentamos o depoimento de alguns alfabetizados que foram beneficiados pelo ensino na instituição. Esses depoimentos vêm corroborar com todas as ações desenvolvidas pela ACECTS e afiançar a credibilidade dessa instituição e da sua prática libertadora de alfabetização:

Quadro 4 - Depoimentos de ex-alunos da ACECTS

<p>Alfabetizando 1 (pessoa de 70 anos de idade): <i>“Antes de estudar, eu conhecia algumas palavras. Agora eu consigo ler um pouco, escrever meu nome, ir ao banco sem ajuda de ninguém e assinar meus documentos”.</i></p>
<p>Alfabetizando 2 (pessoa de 64 anos de idade): <i>“Quando comecei achei muito difícil aprender as letras, tinha medo, mas tinha em mente que iria conseguir e hoje estou aqui. A pessoa que não sabe ler nem escrever é cega”.</i></p>
<p>Alfabetizando 3 (pessoa de 66 anos de idade): <i>“Comecei a estudar em janeiro e só sabia meu nome. Em menos de seis meses consegui escrever frases. Isto foi um avanço na minha vida, que vai melhorar ainda mais”.</i></p>
<p>Alfabetizando 4 (pessoa de 53 anos de idade): <i>“Nunca tive oportunidade de frequentar uma escola quando criança morava numa cidade onde não havia escola. A escola mais próxima ficava a cinco horas de distância de minha casa a pé. O professor Alex passava em frente a minha casa todos os dias, me chamando para frequentar a escola, e eu não queria, pois acreditava que papagaio velho, não aprendia a falar. Um dia me deparei com uma situação muito difícil e constrangedora, fui pegar um ônibus e perguntei para uma pessoa e ela me ensinou errado, fui parar em lugar totalmente desconhecido. A partir daquele dia tomei a atitude de ir para a sala de aula e começar a estudar. Quando lá cheguei, me deparei com um local muito humilde, que me acolheu e me ensinou os primeiros passos. Hoje, já sei assinar o meu nome, leio livros e realizei um dos meus grandes sonhos que era ler a Bíblia, realizo as minhas atividades como uma cidadã e já não dependo de ninguém para pegar um ônibus e ir aonde eu quiser. Nunca é tarde para aprender, sou a prova viva disso!”.</i></p>
<p>Alfabetizando 5 (pessoa de 63 anos de idade): <i>“Esta é a minha primeira oportunidade de frequentar uma sala de aula, estou muito feliz em poder aprender cada dia mais. Poder me virar no dia a dia, conhecer os meus direitos e deveres e saber cobrá-los”.</i></p>
<p>Alfabetizando 6 (pessoa de 79 anos de idade): <i>“Nasci no estado do Pernambuco e lá nunca tive a oportunidade de frequentar uma sala de aula, sequer aprendi assinar o meu nome, pois me diziam que escola não era lugar para meninas frequentarem; iniciei os estudos aos 75 anos de idade a convite do professor Alex e hoje me sinto outra pessoa, sei fazer as minhas coisas sozinha. Sei ler e escrever”.</i></p>
<p>Alfabetizando 7 (pessoa de 67 anos de idade): <i>“Nunca estudei na minha vida; onde morava não havia escola, e nunca nem ouvi falar. Quando tinha que ir à reunião dos meus filhos na escola, tinha muita vergonha, porque eu não sabia assinar o meu nome. Um dia conheci o professor e ele me convidou e comecei a estudar; em apenas dois meses aprendi a ler e escrever e principalmente escrever o meu nome”.</i></p>

Fonte: Coletado e transcrito pelo autor

A experiência aqui registrada foi realizada com educandos, em sua maioria sem escolaridade, em turmas mistas, nos períodos vespertino e noturno entre os anos de 2009 a 2018, com uma carga horária de duas horas e meia, por turma, de segunda à quinta-feira. Vale ressaltar que a maioria dos alfabetizados eram da faixa etária de 60 a 85 anos de idade.

Considerações finais

O trabalho de uma alfabetização conscientizadora, libertadora e transformadora, com caráter emancipatório, que valorize a bagagem cultural e social de cada sujeito, gera a formação de indivíduos com uma argumentação sólida, postura pesquisadora, questionadora, que sejam capazes de ser interlocutores e/ou protagonistas de sua própria história, bem como, instiga a sua

humanização e espírito de solidariedade, tendo o olhar voltado para o próximo, com a consciência de que o outro contribui para com a formação do eu.

Essa experiência de alfabetização realizada pela Associação Comunitária Educacional Cícera Tereza dos Santos, reflete e reafirma a importância da educação popular que emana do povo, pensada e feita para ele, a fim de que os envolvidos nesse processo de aprendizagem se sintam capazes de realizar uma nova “leitura de mundo”, construir uma postura política-cidadã, ter voz e vez perante as injustiças e desigualdades sociais, orgulhosos por pertencerem a esse universo de alfabetização, onde sua vida cotidiana ganhará maior notoriedade e significado.

Foram 500 (quinhentas) pessoas que voltaram a ter sua autonomia reconstruída e a sua inserção e/ou reinserção social na sociedade, assumindo o seu papel como cidadãos, possibilitado por meio desse trabalho e ainda, contribuiu para a queda da taxa de analfabetismo no país.

Referências

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 23. ed. São Paulo. Autores associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

GADOTTI, M. **Alfabetização e letramento**: Como negar nossa história. Disponível em: <http://culturadigital.br/obviuss/2010/07/22/alfabetizacao-e-letramento-como-negar-nossa-historia/>. Acesso em: 15 jan. 2020.

GASQUE, G. T.; TAMEIURÃO, J. R. **Educação de Jovens e Adultos**. Ubiratã, 2011.